

PROPAGAÇÃO DE DISCURSOS HOSTIS CONTRA  
ASIÁTICOS AMARELOS NA PANDEMIA DE COVID-19:  
UMA ANÁLISE DE DISCURSOS XENOFÓBICOS EM  
JORNAIS ON-LINE



THE PROPAGATION OF HATE DISCOURSES AGAINST  
'EAST ASIANS' IN THE COVID-19 PANDEMIC: AN  
ANALYSIS OF XENOPHOBIC DISCOURSES IN ONLINE  
NEWSPAPERS

Esther Yuri MATSUO  
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

João Paulo Santos BATISTA  
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Jocenilson RIBEIRO  
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA  
RECEBIDO EM 12/01/2024 • APROVADO EM 18/08/2024  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1458>

---

## Resumo

---

Durante a crise sanitária mundial causada pela Covid-19, entre 2020 e 2022, circularam na mídia diferentes discursos sobre os chineses, acusados de criar e espalhar o vírus pelo mundo. A hostilidade contra os chineses se tornou mais aparente nesse período e outros sujeitos, asiáticos de diferentes nacionalidades (lidos socialmente como chineses) também sofreram com essa rejeição. O objetivo da pesquisa foi analisar discursos xenofóbicos contra 'asiáticos amarelos' no período da pandemia de Covid-19. A pesquisa é de caráter qualitativo, descritivo-interpretativista (Paiva, 2019), sob o aporte teórico-metodológico da análise do discurso francesa a partir da perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos (Foucault, 2001, 2008, 2011) em diálogo interdisciplinar com outros referenciais das ciências humanas (Derrida, 2003; Albuquerque Jr. 2016; Bauman, 2017; Di Cesare, 2020). Após as análises, entendemos que os discursos xenofóbicos contra chineses foram propagados em diferentes espaços de circulação, desde os governamentais aos midiáticos incluindo a sociedade civil. Concluímos ainda que grupos de brasileiros, de ascendência leste-asiática, também são interpelados por discursos hostis por serem lidos socialmente como chineses. O estudo aponta para a necessidade de aprofundamentos do tema em relação à retórica da hostilidade brasileira em perspectiva histórica de média e longa durações.

---

## Abstract

---

During the global health crisis caused by Covid-19, between 2020 and 2022, different discourses circulated in the media about the Chinese, who were accused of creating and spreading the virus around the world. Hostility towards the Chinese became more apparent during this period and other Asians of different nationalities (socially read as Chinese) also suffered from this rejection. The objective of the research was to analyze xenophobic discourses against 'east Asians' during the Covid-19 pandemic. The research is qualitative, descriptive-interpretative (Paiva, 2019), under the theoretical-methodological contribution of French discourse analysis from the perspective of Foucauldian discourse studies (Foucault, 2001, 2008, 2011) in interdisciplinary dialogue with other references from the human sciences (Derrida, 2003; Albuquerque Jr. 2016; Bauman, 2017; Di Cesare, 2020). After the analyses, we understand that xenophobic discourses against Chinese people were propagated in different spaces of circulation, from governmental to media, including civil society. We also conclude that groups of Brazilians of East Asian descent are also challenged by hostile discourses because they are socially read as Chinese. The study points to the need for deeper exploration of the theme in relation to the rhetoric of Brazilian hostility from a medium- and long-term historical perspective.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Asiáticos amarelos. China. Pandemia de Covid-19. Discurso xenofóbico. Análise do discurso francesa.

**Keywords:** East Asians. China. Covid-19 pandemic. Xenophobic discourse. French Discourse Analysis.

**Introdução**

O crescente fenômeno da xenofobia no Brasil e no mundo tem sido um dos maiores problemas sociais da nossa atualidade. Disfarçada de fenômeno recente no país e equivocadamente entendida como fruto das polarizações políticas e da crise sanitária global – o que justificaria esse “recém” –, na verdade, é a ponta de um “iceberg” histórico brasileiro. A xenofobia foi gestada no racismo estrutural que dizimou os povos originários com a invasão portuguesa e espanhola na América Latina e com a política de escravidão e humilhação dos povos oriundos da África, particularmente no Brasil, gerando um complexo processo diaspórico com consequências profundas em nossa história. Na atualidade, o fenômeno emerge de crises migratórias, de diferentes formas de intolerância e violência político-econômica contra estrangeiros e estrangeirizados<sup>1</sup>, seja pela rejeição a sua origem ou por características que constituem suas línguas, culturas e identidades.

Calcada na ideia de alteridade e superioridade, a fobia contra estrangeiros reproduz discursos que dividem grupos de forma hierarquizada; assim, o “nacional” ou o presunçosamente “original do lugar” considera o grupo em que vive e seus traços identitários como superiores à do Outro-estrangeiro. Para o primeiro, este “outro” é visto como inferiorizado. Logo, do ponto de vista analítico no terreno da linguagem e das discursividades, interessa-nos compreender a emergência dos discursos que podem evidenciar a aversão ao (i)migrante no Brasil e refletir sobre as dinâmicas político-sociais em relação com as violências que as instituem.

Assim, este artigo é fruto de uma pesquisa mais ampla intitulada “Da xenofobia à glotofobia: discursos de estrangeiridade e hostilidade brasileiras”, desenvolvida entre 2020 e 2023. Um dos objetivos centrais de algumas das etapas do projeto foi analisar discursos xenófobos contra asiáticos amarelos, sendo eles naturais, descendentes ou lidos como pertencentes a esse grupo de sujeitos. O trabalho se pauta no aporte teórico-metodológico da análise de discurso de filiação francesa, particularmente aquela orientada nos estudos foucaultianos em diálogo com outros referenciais das ciências humanas que se debruçam sobre o mesmo objeto de estudo. O recorte se faz por meio de dois critérios para a seleção dos enunciados e constituição do *corpus*: a) adoção de matérias jornalísticas veiculadas em suporte *on-line* e publicadas nos anos de 2020 e 2021; b) contexto da pandemia

---

<sup>1</sup> A noção de estrangeirizado diz respeito ao imaginário, às práticas discursivas ou não discursivas relacionado ao Outro (sujeito da alteridade) como diferente, estranho, procedente de outro lugar, que apresenta marcas simbólicas e culturais lidas e vistas como “de fora” do lugar do nacional ou que se vê como original. Exemplos não faltam: 1) povos indígenas, autóctones, originários ou tradicionais do Brasil concebidos como estranhos, estrangeiros, forasteiros, não brasileiros; 2) comunidades de diversas origens asiáticas (incluindo brasileiros amarelos), que, mesmo sendo nacionais, são cotidianamente interpretados enquanto estrangeiros; 3) brasileiros nascidos na região Nordeste ou seus descendentes, residentes no Nordeste ou não, concebidos como “de fora” dos grandes centros e regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste, de outro lugar, não representantes dos bens simbólicos e imaginários do Brasil daquelas regiões. Há outras categorias de sujeitos estrangeirizados, ainda que gozem política e juridicamente dos direitos e cidadania brasileiros como qualquer outro nascido no país ou que tenham adquirido cidadania.

gerada pela crise sanitária da Covid-19. Outros critérios metodológicos serão esclarecidos nas análises.

Adotamos de modo mais cuidadoso o termo qualificador asiático(s) em nosso trabalho, uma vez que tal adjetivo abrange um grupo étnico muito amplo e complexo, com características territoriais, linguísticas, culturais e físicas bastante diversas. Sendo assim, o termo leste-asiático, ao designar o sujeito-objeto de nossa pesquisa, foi usado para se referir à população do Leste-asiático, que, segundo o geoesquema da ONU<sup>2</sup>, é onde estão países como China, Japão, Coreia do Sul e Mongólia. O termo “asiático amarelo”<sup>3</sup>, que se refere ao mesmo grupo, porém com maior abrangência, será usado para se referir a grupos oriundos tanto do Leste-asiático quanto de outras nacionalidades, mas que possuem descendência, sobretudo, dessa região da Ásia. Quando o termo não for especificado, usaremos aspas para que o leitor saiba, efetivamente, que a indicação não abrange todo o grupo de forma homogênea. É necessária essa ênfase, pois apesar de haver uma hostilidade direcionada a grupos específicos como na pandemia com os chineses, ainda existe uma hostilização que atinge a esse diverso grupo de maneira ampla e difusa, mas com materiais específicos a conjunturas e formações discursivas.

Esse artigo está sumariamente estruturado pelas seguintes seções: a) ainda o problema da xenofobia, em que apresentamos a definição etimológica de xenofobia e breves análises; b) marco teórico-metodológico em que descrevemos a constituição do *corpus* e o aporte teórico e metodológico usado na pesquisa; c) posteriormente, tratamos das relações entre migração e xenofobia, território e intolerância, em que fazemos uma contextualização histórica sobre a problemática; e, por fim, d) apresentamos a questão central em “sinofobia ou xenofobia contra asiáticos amarelos?” passando e) às análises do *corpus* selecionados em notícias.

## 1. Ainda o problema da xenofobia

Para tratarmos da questão das hostilidades contra grupos minoritários na lógica da diferença entre identidade e alteridade, cujo recorte se dá pelo tratamento desigual do/no Brasil à “comunidade asiática amarela”, é necessário ainda voltar à noção de xenofobia, mesmo que seu conceito clássico seja bastante conhecido e generalista. Sabe-se que no plano dos estudos do discurso, ao se analisar as especificidades e a complexidade deste tema não basta pensar a palavra “estrangeiro” ou o sujeito “estrangeiro” como, respectivamente, designador e alvo

---

<sup>2</sup> METHODOLOGY: Standard country or area codes for statistical use (M49). United Nations, [s.d.]. Disponível em: <https://unstats.un.org/unsd/methodology/m49/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

<sup>3</sup> Não há consenso no uso dos termos a se referir a sujeitos relacionados às redes de sentido em torno do Leste-asiático - seja da ordem cultural, política, linguística, fenotípica, entre outras. Segundo Laís Miwa Higa, no texto "O que é asiático brasileiro?" (2021), o termo 'asiático amarelo' surgiu da lacuna identificada em discussões e debates em coletivos no Brasil formados por brasileiros com ascendência leste-asiática, indicando um termo de escolha identitária e não um conceito propriamente dito. O termo foi construído numa conjunção da questão de origem territorial ancestral "asiática" com uma categoria do IBGE de cor pensada para abarcar a população imigrante japonesa no Brasil (Higa, 2021). É possível utilizar o termo asiático amarelo para além da comunidade brasileira, visto que direciona a percepção em torno da origem sobretudo, mesmo que não somente, do Leste-asiático.

do discurso de ódio, mas quem é visto como estrangeiro e estrangeirizado, que lugar ele ocupa, de onde ele vem, qual é a cor da pele, quais línguas fala e como fala etc. Logo, a xenofobia vem atrelada a outras fobias para que o estrangeiro seja sujeito da hospitalidade ou da hostilidade (Ribeiro, 2022).

É preciso dizer que essas noções de hospitalidade e hostilidade são tomadas das análises e discussões filosóficas de Derrida (2003). Jacques Derrida, filósofo francês conhecido por sua teoria da desconstrução, abordou estes dois conceitos com uma profundidade que reflete sua preocupação e interesse pelas questões da linguagem e do discurso da alteridade e do outro-estrangeiro ou estrangeirizado. Para Derrida, a hostilidade pode ser entendida como uma forma de exclusão ou rejeição que se manifesta em diferentes níveis de interação e interpretação. Ele analisa a ideia de hostilidade em relação à diferença e ao "outro", muitas vezes vinculando-a a sistemas e relações de poder e a estruturas sociais que perpetuam a marginalização e a exclusão do outro pela sua origem, por exemplo.

Em suas obras, Derrida analisa como a hostilidade pode surgir de uma incapacidade ou recusa do sujeito em reconhecer e acolher a alteridade (a diferença) do outro. A hospitalidade, por sua vez, é um conceito bastante complexo e, por vezes, paradoxal. O filósofo discute como a hospitalidade não pode ser simplesmente compreendida como uma prática altruísta ou benevolente. Ele sugere que a verdadeira hospitalidade envolve uma abertura radical e incondicional ao outro, que é simultaneamente impossível e necessária. Ao identificar a união recorrente entre o "hostil" e o "hospitaleiro" no ato de acolher o autor nos coloca diante do problema da "hostipitalidade"<sup>4</sup>, posto que as duas noções coadunam com o problema da alteridade estrangeira.

Dito isso, a xenofobia contemporânea, objeto de nossa análise neste artigo, tem sido um sintoma da hostilidade, senão sua própria extensão, tendo os processos de antagonismos como constituintes de políticas que promovem o superlativo identitário de um grupo A (o do eu/nós) e o diminutivo, o silenciamento ou a negação da identidade do grupo B (o outro/eles). Esse antagonismo se materializa na língua, entre tantos espaços heterotópicos e discursivos, constituindo aquilo que a filósofa italiana Donatella Di Cesare concebe como a gramática do ódio. Ela afirma o seguinte: "«Nós» - «eles». Os pronomes não são indiferentes. Situam indivíduos e grupos na fala, delimitam seus papéis, endereçam seu discurso. São as primeiras fronteiras marcantes, as linguísticas." (Di Cesare, 2020, p.145). Assim, no final de 2019, logo após o mundo tomar conhecimento de que um vírus ameaçava a população de Wuhan (China), na primeira oportunidade, o discurso xenofóbico marcou na língua, em sua gramática do ódio, o "nós" contra "eles", cujas justificativas eram "eles são uma ameaça para o mundo", "eles comem morcegos" (Sacramento et al., 2020) etc.

Tradicionalmente, como defendem alguns autores (Baslez, 2008; Albuquerque Jr., 2016; Ribeiro, 2022), a palavra xenofobia é conhecida como a aglutinação das palavras gregas *xénos* (estranho, estrangeiro, de fora) e *phobos* (medo, fobia, aversão, repulsa), que caracterizam o medo, a rejeição e a aversão ao

---

<sup>4</sup> "hostipitalidade" é um conceito cunhado pelo filósofo Jacques Derrida que trata da constante variação entre a hospitalidade e a hostilidade no ato de acolher um hospede, um estrangeiro, um visitante. É possível se aprofundar mais na questão a partir da obra *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade (2003)*.

estrangeiro ou aqueles vistos como “outro” (pelo grupo A) como não pertencentes a um mesmo grupo, nação, território, cultura dos que se sentem pertencidos, originais, nacionais. Além disso, há o princípio da diferença constitutiva na assimetria entre o grupo A e o grupo B, que não tem sua identidade reconhecida pelo primeiro como seu semelhante em direito, mas seu adversário ou ameaça.

Na tradição greco-romana, segundo a leitura de Baslez (2008), os elementos para a demarcação da diferença eram mais salientes como a origem, a língua, os símbolos religiosos ou o tipo de governo, por exemplo. Evidentemente, estes elementos ainda servem de critérios de exclusão. Contudo, com a concepção de Estado-Nação moderna, a definição jurídica e política de fronteira e o advento do conceito de propriedade privada, surgem novos critérios e a atualizações dos antigos como práticas discursivas que dicotomizam os lugares em que os grupos A e B se situam.

Ainda que a palavra xenofobia, numa concepção tradicional, seja quase autoexplicativa, é necessário repensá-la na relação do fenômeno ‘medo ou aversão ao estrangeiro’ com os discursos outros que, com ele, se interseccionam. Isso significa interrogar sua emergência na relação com outros discursos excludentes, alguns deles disfarçados de “hospitalidade” com critério de “seletividade”. Os problemas podem ser apontados por diferentes razões como a origem do sujeito, a cor da pele e seus traços fenotípicos, na questão de gênero e sexualidade, na condição econômica e classe social, nas ideologias políticas e religiosas, além da língua e do modo de falar e existir em L1 ou L2 - língua materna ou estrangeira -, tudo isso ou parte disso se impõe como critério de inclusão ou exclusão no discurso xenofóbico no Brasil. Assim, a xenofobia ora funciona como um vetor que nomeia uma violência contra o sujeito estrangeiro ou estrangeirizado, ora funciona como um fenômeno homogeneizante capaz de invisibilizar um outro problema quando, por exemplo, o racismo e a glotofobia vêm juntos e merecem destaque por serem algumas das causas da seletividade do brasileiro.

Logo, falar a mesma língua ou ocupar o mesmo espaço não é o suficiente para que os sujeitos se vejam pertencentes à mesma identidade nem se entendam, nem se “identifiquem” com um determinado grupo identitário, posto que a ideia de identidade de grupo seja movente. Daí seja produtivo, em análise do discurso, falar em processos de identificação. No interior da mesma comunidade linguística, por exemplo, nos mesmos ambientes de circulação dos falantes, a postura xenofóbica pode ser evocada por um critério fonético-fonológico (glotofobia ou glotofilia), por traços étnico-raciais, por um costume, uma ideologia política ou um problema sanitário emergente. Portanto, a xenofobia contemporânea é um efeito das ambivalências e contradições que se dão nas relações simbólicas entre os indivíduos, porém se sustentam nos autoritarismos de governos, muitos deles alinhados com o discurso econômico neoliberal, excludente e meritocrático.

No entremeio de sociedade e governos, há políticas excludentes de um lado e a hostilidade do outro, circulam construtos históricos que formam um elo do que poderíamos chamar de xenofobia estrutural. Logo, a xenofobia é também uma percepção do outro como “estrangeiro”. A xenofobia é uma atitude psíquica que funciona como prática discursiva; ela instaura o outro como externo e ameaça.

Em um artigo de opinião veiculado no *site* Uol, em 31 de março de 2020, com o título “Vírus chinês” e o racismo contra asiáticos no Brasil”<sup>5</sup>, a jornalista Lian Tai escreve sobre os ataques vindos de brasileiros contra a população “asiática” com a seguinte lide: “Nos últimos meses, com a pandemia, tenho visto o racismo contra asiáticos mostrar-se com mais veemência; ele começa contra os chineses e se estende a todos os povos do extremo oriente, até porque, no Brasil, “é tudo a mesma coisa” (sic).

O artigo destaca como durante a pandemia de Covid-19 as violências destinadas à população “asiática” se tornaram ainda mais comuns, sendo o uso do sintagma “vírus chinês” um recorrente entre os inúmeros sintagmas e expressões linguísticas que materializam o discurso hostil contra os asiáticos amarelos. A associação direta de toda uma comunidade a um vírus buscava culpabilizar as pessoas, violentá-las e excluí-las em diferentes sociedades ocidentais. Além disso, a autora relembra que o vírus H1N1, também muito disseminado pelo mundo, surgiu na América do Norte; e, no entanto, o vírus não ficou conhecido como “vírus americano”.

Lian Tai também salienta que a disseminação dos estereótipos e o pouco interesse da população brasileira sobre a cultura “asiática” contribuem para uma visão estereotipada, homogênea e superficial sobre essa comunidade, tratando a cultura e as características de toda uma população como “exóticas”. Nesse ínterim, constroi-se uma espécie de apagamento cultural heterogêneo e social no qual as diferentes características de nações como a China, o Japão ou a Coreia são ignoradas e suprimidas como se fossem um único bloco de aspectos em que “tudo é a mesma coisa”. Comparações hierarquizantes que distanciam elementos culturais também são problemáticas e fomentam uma visão do estrangeiro como externo, distante e estranho para sociedade brasileira.

Tecidas essas reflexões em torno da noção de xenofobia e sua manifestação contemporânea no contexto brasileiro, em particular o uso do sintagma “vírus chinês” em algumas notícias, é preciso conhecer nosso percurso teórico-metodológico, a começar pelos procedimentos de constituição do *corpus*.

## 2. Marco teórico-metodológico da pesquisa

### 2.1. Dos procedimentos de constituição do *corpus*

Este trabalho é oriundo de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida no Laboratório de Estudos de Discurso, História e Estrangeiridades (imaGine/CNPq/UFS) e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFS), sobre o discurso xenofóbico no Brasil, cujos sujeitos são estrangeiros ou estrangeirizados, isto é, compreendidos como estranhos, de fora ou não pertencidos, ainda que sejam brasileiros como qualquer outro do ponto de vista jurídico e constitucional. O objetivo geral da pesquisa foi compreender como, na

---

<sup>5</sup> TAI, Lian. 'Vírus chinês' e o racismo contra asiáticos no Brasil. Opera Mundi, 2020. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/opiniaio/63865/virus-chines-e-o-racismo-contra-asiaticos-no-brasil>. Acesso em: 21 ago. 2023.

história recente, se constituem os discursos xenofóbicos no Brasil e quais outros discursos são mobilizados sobre os sujeitos “estrangeiros” ou estrangeirizados.

Para tanto, desde 2015, mobilizamos diferentes *corpora* a fim de construir um arquivo discursivo e descrever as materialidades nas quais circulam um dizer xenofóbico sobre o sujeito estrangeiro. Em um primeiro momento, compilamos e descrevemos notícias e postagens em redes sociais na Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil, Paraguai), particularmente textos publicados em língua portuguesa, cujo recorte temático centrou-se na problemática da política internacional brasileira e na política de internacionalização e integração universitárias. Em um segundo momento, analisamos enunciados xenofóbicos contra nordestinos, estrangeiros residentes e em deslocamento, cujos enunciados foram selecionados a partir de notícias jornalísticas, blogs e postagens de leitores em redes sociais (*Twitter, Facebook e Instagram*), motivados pelos antagonismos ideológicos emergentes no início de 2018 com a primeira campanha eleitoral de Jair Bolsonaro. Os principais resultados destas duas etapas de investigação foram apresentados em Ribeiro e Pereira (2019); Ribeiro, Moreno, Garcia (2019) e Ribeiro (2022). A terceira etapa desta pesquisa vem sendo desenvolvida nos projetos “Vozes em migração: discursos, imagens e representações de estrangeiridade/brasilidade” (entre 2016 e 2020), com início na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e “Da xenofobia à glotofobia: discursos de estrangeiridade e hostilidade brasileiras” (entre 2020 e 2023), na Universidade Federal de Sergipe (UFS). No qual um dos objetivos específicos foi levantar um conjunto de materialidades discursivas que toma os “asiáticos” como sujeito da violência xenofóbica no Brasil, particularmente posto em circulação no contexto da pandemia (2020 a 2021).

Para este artigo, selecionamos como *corpus* materialidades compiladas no âmbito do Laboratório de Estudos de Discurso, História e Estrangeiridades em dois momentos, em nível de iniciação científica em 2020/2021 e, em outro momento em 2021/2022, pelos autores deste trabalho. Os temas abordados relacionam-se diretamente com os processos de violência que estrangeiros e estrangeirizados podem vir a sofrer por causa da xenofobia e com o debate mundial que as migrações têm levantado mundialmente.

## 2.2. Do aporte teórico-metodológico

Nossos estudos ancoram-se no aporte teórico-metodológico dos estudos discursivos, particularmente o da análise do discurso francesa de orientação foucaultiana. A análise discursiva arqueogenealógica, ou os estudos discursivos foucaultianos, toma o arquivo em sua dispersão como dispositivo do historiador e do analista do discurso, interrogando o problema do discurso em vez do problema do sistema da língua. Nessa abordagem, em lugar de descrever a constituição do sintagma “*Chinese virus*” (em inglês), a exemplo da postagem de Donald Trump (Figura 2), que será descrita na seção subsequente, para responder às questões sobre os níveis fonético-fonológico, morfológicos, sintáticos, semânticos ou pragmáticos, o analista busca estudar o problema em torno da apropriação deste sintagma na historicidade dos discursos. Interrogam-se não os aspectos

linguísticos do sintagma, mas o uso desse sintagma, sua emergência, repetição, circulação, seus efeitos de sentido, os já-ditos em torno dele ou sua rememoração e atualização em novos dizeres. Interrogar o discurso é promover um entendimento da língua em sua historicidade, na dimensão da exterioridade. Perguntamos: por que se disse “*Chinese virus*” e não “*Americam virus*” em um pronunciamento político? Quais efeitos eufóricos ou disfóricos a formulação, circulação e repetição desse sintagma produz no imaginário sobre a China? Como esse sintagma funciona no discurso político e no discurso científico? Essas são algumas perguntas que o analista formula para entender a ordem do discurso xenofóbico e não a ordem da língua inglesa ou portuguesa ao dizer “*Chinese virus*” ou “vírus chinês”.

Assim, o analista de discurso não vai se preocupar com o sujeito da gramática nem outras categorias gramaticais para responder ao problema do discurso, mas com os sujeitos envolvidos na produção dos discursos como efeito determinado pelas ideologias (numa abordagem materialista do discurso) ou pelas relações de poder na produção do discurso xenofóbico e formas de resistência com esses discursos (numa abordagem arqueogenealógica). É preciso refletir então sobre a posição que ocupa o sujeito presidente, a imagem que ele faz sobre o sujeito chinês, a produção e a circulação de sentidos, a recepção dos dizeres em escala local ou global, o suporte e a materialidade com que o tuíte ganhou existência nas heterotopias da (in)visibilidade (Foucault, 2001b; 2013) e da hipervisibilidade comuns aos dispositivos cibernéticos hoje.

Desse ponto de vista, compreendemos o discurso como um objeto histórico, jamais como uma frase ou mesmo o significado imanente da língua, como discute M. Foucault em *A arqueologia do saber* (2008). Logo, metodologicamente, os enunciados constituem os discursos mediante unidades selecionadas, descritas, analisadas, não como frase ou texto, mas como uma função enunciativa. Nas próprias palavras do autor:

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo. (Foucault, 2008, p.132-133)

Então o analista de discurso deve se orientar no arquivo para partir da materialidade da língua e de outras materialidades semióticas (imagens, sons, símbolos, emojis. etc.) em direção ao funcionamento dos discursos em um movimento de ida e retorno, análise, descrição, interpretação e compreensão do

fenômeno. Esse procedimento exige descrição dos enunciados, dos discursos e das formações discursivas com o intuito de compreender as regularidades discursivas na esteira da análise arqueogenealógica.

Além do conceito de discurso nesta abordagem, é fundamental trabalhar com a noção de sujeito do discurso, distinto do sujeito idealizado da gramática, do sujeito biologizante e individual ou como pessoa e forma de identidade concebida pelo discurso jurídico. A problemática do sujeito atravessa toda a obra de M. Foucault, que prefere concebê-lo como processo, construção, não uma (id)entidade a-histórica. Embora tal noção esteja diretamente atrelada a suas reflexões em torno das práticas de saberes, das relações de poder, dos cuidados ou da ética de si, o que abrange as três fases de seu pensamento, segundo seus comentadores (cf. Dosse, 2007; Fernandes, 2012; Castro, 2014), é nesta última que o sujeito ganha mais relevo em torno da questão da ética.

No início do texto *Sujeito e poder*, o autor afirma o seguinte: “não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa” (Foucault, [1982]1995, p.229). É nesse texto, portanto, que ele apresenta os passos metodológicos para a análise das relações de poder, levando em conta a própria noção de sujeito como uma das categorias de análise. Não há saber nem poder senão por meio dos jogos das relações de forças que incidem diretamente em nossos corpos e, assim, nos conduzem às técnicas de subjetivação pelos discursos.

### 3. Migração e xenofobia: relações entre território e intolerância

Os fenômenos migratórios acontecem de diferentes maneiras e por diversos acontecimentos (Baeninger, Peres, 2017). Quer sejam de ordem social, política, econômica ou causados por conflitos e catástrofes naturais, esses movimentos fazem grandes quantidades de pessoas se deslocarem de seus locais de origem para outros. Junto a esses deslocamentos se criam aspectos de territorialidade e identidade que diferencia aquele que veio de outro território, o estrangeiro, e o que nasceu e se sente pertencente a um local específico, compreendido como nacional e original.

É bom destacar que este problema não se restringe ao Brasil, ele tem sido a grande questão do século XXI em escala global (Foucault, [1979]2001a; Bauman, 2017; Eco, 2020; Di Cesare, 2020; Ceja, Velasco, Berg, 2021). Os estudos de filosofia da migração têm apontado o fenômeno como sendo de ordem da ostensiva política neoliberal-capitalista no modelo de gerência dos corpos e das populações na contemporaneidade. Este tema já havia sido problematizado por Michel Foucault, entre 1979 e 1980, em suas aulas publicadas sob o título *Do governo dos vivos* (2011) e em outros trabalhos, ao tratar do biopoder e da biopolítica, sendo esta última uma nova forma de poder racional concebido como mecanismo de controle dos indivíduos (Foucault, 2002).

Nas pesquisas desenvolvidas no Brasil sobre a hostilidade e aversão ao sujeito “asiático”, composta, sobretudo, por Dezem (2005) e Takeuchi (2008), podem-se perceber reflexões entorno do contexto histórico internacional e nacional das diásporas leste-asiáticas que se formaram no Brasil (Lesser, 2015), mas ainda são escassos os trabalhos que analisam esse fenômeno enquanto

discurso da xenofobia ou discurso xenofóbico, como tratamos neste trabalho de modo geral ou sinofobia em específico.

Segundo Dezem (2005) e Takeuchi (2008), os fluxos migratórios de origem leste-asiática para o Brasil, com destaque para China e Japão, não são recentes datando dos séculos XIX e XX. A imigração chinesa ao Brasil foi intensa durante o século XIX sendo visada inicialmente para utilização como mão de obra nas lavouras, sobretudo no cultivo de chá no Sudeste, o que não obteve resultados desejados por parte da elite brasileira tanto por questões técnicas quanto pelos debates eugenistas da época que se preocupavam com a configuração racial do Brasil (Dezem, 2005). Ainda segundo o autor, os debates políticos na época sobre a presença desses imigrantes e a identidade nacional brasileira (re)produziam estereótipos sobre o sujeito imigrante chinês que não somente o afetou, mas que também foram utilizados em certa medida para imigrantes japoneses no período do perigo amarelo.

Segundo Takeuchi (2008) o fenômeno do perigo amarelo se dá no período de ascensão política, econômica e, sobretudo, militar do Japão e China no cenário internacional, com destaque para o século XX, caracterizando uma apreensão por países ocidentais e latino-americanos a essa ascensão. Essa apreensão produzia noções de ameaça sobre os Estados japoneses, chinês – no Brasil, ainda mais direcionada aos japoneses dado aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e os intensos fluxos migratórios – e suas populações como uma ameaça à segurança nacional, que acabava sendo também direcionado a esses imigrantes dentro do território nacional brasileiro (Takeuchi, 2008). No Brasil, muitos dos discursos derivados desse contexto revelam não somente a elaboração do imaginário social desses imigrantes e seus territórios, mas também da própria formação da ideia de nação.

A noção de nação é formada a partir de uma convenção elaborada e projetada por um grupo de interesse sobre os demais, no qual se constrói uma comunidade “[...] imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (Anderson, 2008, p.32). As noções subjetivas e reais produzidas pelos instrumentos legítimos estatais, como o Direito, sobre as fronteiras simbólicas e materiais de determinado Estado-Nação, constroem a determinação dos sujeitos nacionais e estrangeiros desse Estado.

Embora o Brasil seja formado enquanto Estado-Nação por uma constituição identitária diversa/heterogênea (não sem conflitos), tal fato nunca foi impedimento para rejeição às diferenças entre sua população. Ao contrário, o Brasil é fruto das constantes disputas de poder, que estão em sua base histórica, a exemplo, quando se promoveu a escravidão e o sistemático genocídio indígena em prol da manutenção do privilégio branco europeu e modos de vida colonial, conforme discute Silvio Almeida em *Racismo estrutural* (2019). Embora esse autor trate da questão do racismo estrutural no Brasil, pondo relevo à problemática da raça no discurso científico, aprendemos com ele a identificar, na questão do tratamento diverso ao estrangeiro, o critério da racialidade nos discursos xenofóbicos e da seletividade na acolhida a alguns estrangeiros passageiros ou residentes.

Há também discussões em torno dessa temática, do estrangeiro e da xenofobia, enquanto uma pauta política entre aqueles que defendem uma melhor

integração entre os nacionais e os que migraram de seus países, propondo políticas de acolhimento e melhor hospitalidade, e os que rejeitam os estrangeiros, e por sua vez, criam obstáculos e estimulam rivalidades, discursos de ódio, notícias falsas (*fake news*) e agressões em consonância com a desinformação, a construção do inimigo comum e a retórica da hostilidade. Desde o início de 2020, na emergência da pandemia do coronavírus, por exemplo, vimos inúmeras notícias e postagens nas redes sociais que evidenciaram a xenofobia contra os asiáticos amarelos. Como demonstra a notícia a seguir:



**Figura 1** – Notícia sobre a propagação de Fake News contra a China

**Fonte:** Le monde diplomatique Brasil (27/07/2021)<sup>6</sup>

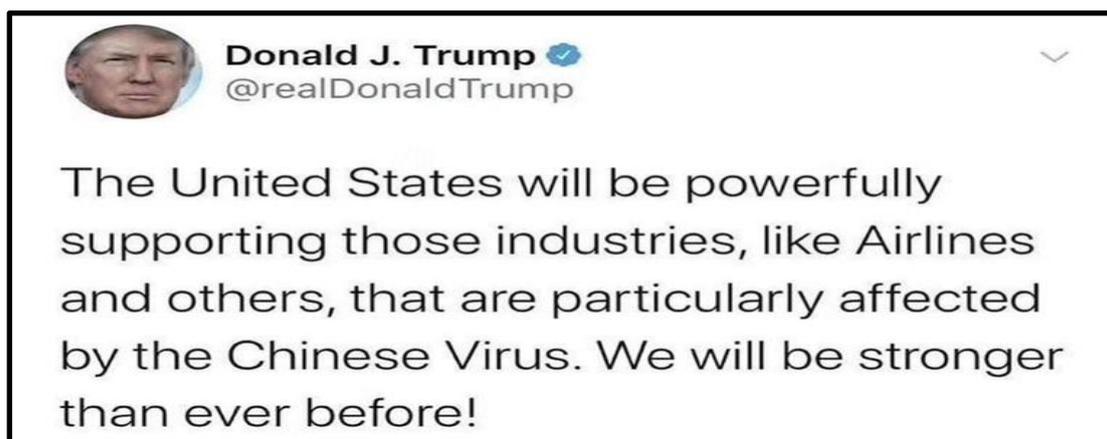
Em levantamento do *site Le monde diplomatique* Brasil (Figura 1), publicado em reportagem de 27 de julho de 2021, Brenda Gajus, Rafael Abraão e Vitor Santos descrevem como a disseminação de notícias falsas sobre a China pelo *Telegram* colaboram com a produção de discursos acerca da teoria da conspiração da China contra o Brasil, transformando-o em uma colônia. Logo, os grupos bolsonaristas responsáveis pela disseminação e gestão das *fake News*, por um lado, pintavam a imagem de “Lula” como o “entreguista” do Brasil e a alternativa para a institucionalização de uma ideologia política comunista, por outro, colocavam a imagem de Bolsonaro como capitão defensor da “terra adorada/pátria amada, Brasil” das garras do “dragão chinês”. Essa falsa narrativa estrategicamente produzida por grupos de extrema direita no Brasil, em acordo com movimentos

<sup>6</sup> GAJUS, B.N. *et al.* A CHINA COMO INIMIGO, BOLSONARO COMO HERÓI: Como as fake News no *Telegram* pintam a China como inimigo. *Le monde Diplomatique* Brasil, 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/como-as-fake-news-no-telegrama-pintam-a-china-como-inimigo/>. Acesso em: 21 ago 2023.

bolsonaristas, resulta em efeito retórico à imagem da China como “inimiga do Brasil”, com resultados pragmáticos nas eleições de 2022, por exemplo.

A recepção e a exclusão do estrangeiro, neste tipo de discurso, perpassam por um olhar seletivo. Nesse sentido, o corpo, a língua, o gênero e a condição socioeconômica, entre outros elementos, são acionados na constituição desses discursos. É no contexto da pandemia que os discursos xenofóbicos contra pessoas amarelas de origem – ou não – chinesa emergiram com maior força e ganharam espaço nos jornais, nas redes sociais ou em cartazes e pichações.

Exemplificando esse problema a partir de um momento específico da história, podemos analisar o sintagma nominal “vírus chinês”, que passou a circular em diferentes línguas na internet e nos jornais em mídia internacional, majoritariamente em língua inglesa, logo após o então presidente dos EUA, Donald Trump, postar um “tuíte” com os dizeres: “Os Estados Unidos apoiarão fortemente as indústrias, como companhias aéreas e outras, que são particularmente afetadas pelo vírus chinês. Seremos mais fortes do que antes!” (16 de março de 2020). No decorrer daquele ano, os ataques xenofóbicos e racistas passaram a ser objeto de preocupação inclusive na ONU e na OMS. Tratamos dessa questão na próxima seção.



**Figura 2** – Tuíte de Donald Trump em 16 de março de 2020.

**Fonte:** Arquivo pessoal

#### **4. Sinofobia ou xenofobia contra asiáticos amarelos?**

O crescimento ou maior evidência desse preconceito se tornou mais explícito, contra os grupos de asiáticos amarelos, durante a pandemia do coronavírus, na qual se atribuiu culpa às pessoas com traços relacionados a de pessoas chinesas pela disseminação do vírus. A utilização de termos como “vírus chinês” ao se referir ao Sars-Cov-19 é vinculada a uma questão de origem do vírus e juntamente a isso uma culpabilização da pandemia, na qual, não somente era direcionada ao governo chinês, mas a toda uma população que foi instituída e acusada de disseminar o vírus propositalmente.

<sup>7</sup> Traduzido pelos autores.

O uso do termo “vírus chinês” ou seu vínculo direto a população chinesa, divulgado por autoridades políticas como Donald Trump e, posteriormente, por discursos feitos pelo então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que insinuou que “o coronavírus pode ter sido criado a partir de um vírus de laboratório”<sup>8</sup>, além de supor que a situação sanitária faria parte de uma “guerra química”, contrariando a OMS (Organização Mundial da Saúde), que investigou as origens do coronavírus. Esses discursos acabaram fomentando disputas de narrativas que ampliaram a desinformação, a rejeição e o preconceito com a população chinesa.

Tal discursividade indica uma vinculação de origem geográfica do vírus, junto com o sentido de culpabilização dos chineses pela suposta “produção” e “propagação” da doença pelo mundo, causando a “pandemia” e seu efeito “pan” (global). Essa vinculação é com base numa rede de sentido em que o corpo estrangeiro ou estrangeirizado é atrelado a um território simbólico, e esse território simbólico está diretamente relacionado às demais redes de sentidos.

Refere-se à desconfiança com relação ao Estado chinês e produtos de origem chinesa, a saber vacinas, pesquisas e políticas comerciais, dada ao tom de ameaça construída em torno da China. Segundo Ji (2017), o discurso anti-china é dinâmico e recorrente, a partir da percepção de países como Estados Unidos e Brasil que veem produtos advindos da China como de menor valor ou ruins, mas que os consomem regularmente. Repudia-se, então, no contexto da pandemia, a presença chinesa nos espaços, incluindo pessoas que se atrelam ao simbólico com a China, isto é, vinculam-se à China sujeitos e políticas que não necessariamente possuem real vínculo com essa, mas por serem situados socialmente nas redes em torno da China, acabam por ser relacionados. Remete-se também à memória do fenômeno do século XX, perigo amarelo, e do período de fluxos migratórios dos séculos XIX e XX ao Brasil (Dezem, 2006; Takeuchi, 2008), apresentados brevemente no tópico 2.

O discurso antichinês não é recente na história do Brasil. Durante o século XVIII, havia uma ambiguidade sobre a vinda dos chineses ao país, promovida, principalmente, por discussões advindas da elite nacional. Por um lado, “os chineses seriam livres, mas servis, e eram experientes em agricultura” (Lesser, 2015, p. 84) e, por outro, eram caracterizados e vistos como “homens animais” cujo “caráter é apresentado por todos os viajantes com cores desfavoráveis e terríveis” (Lesser, 2015, p. 85).

As ações de caráter discriminatório contra a população do Leste Asiático, durante o período de pós-abolição da escravatura no Brasil, partiram de um determinado momento histórico em que uma suposta modernização do país era necessária, fomentada pela elite econômica brasileira na busca por promover um “branqueamento nacional” (Schwarcz, 1998) para que isso ocorresse, colocando a população negra às margens da sociedade e subsidiando a vinda de populações com tom de pele mais claro para o país. No entanto, apesar de quererem a força de

---

<sup>8</sup> SCHUCH, Matheus; BITENCOURT, Rafael. Bolsonaro insinua que China pode ter criado vírus na esteira de “guerra bacteriológica”. Valor econômico, 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/05/05/bolsonaro-sugere-virus-feito-em-laboratorio-e-desinteresse-em-suposto-remedio-para-covid-19.ghtml>

trabalho de grupos como os chineses, as características físicas e culturais eram um incômodo na promoção e tentativa de homogeneizar a população brasileira já que a preferência seria por imigrantes vindos da Europa (Lesser, 2015, p. 61).

No caso dos asiáticos amarelos, constituiu-se de modo estereotipado uma generalização de características, limitando a percepção sobre as diferenças entre chineses, japoneses ou coreanos, por exemplo. Esse fator cooperou para que um amplo grupo de pessoas sofresse com os diversos tipos de violências destinadas aos “asiáticos” ou seus descendentes durante a pandemia da Covid-19. O imaginário homogeneizante que se fez historicamente dessas populações, como sendo um sujeito de identidade única, promoveu um falso entendimento de que todo indivíduo, cujas origens são lidas pelo corpo do sujeito “chinês”, fosse o criador, (re)produtor e transmissor do vírus.

Então, a estrangeiridade ou o sentimento de se sentir estrangeiro, pode ocorrer tanto em imigrantes, com pessoas que deixam seu território natural e partem para outro, quanto em sujeitos nacionais que podem vir a sofrer com a xenofobia. Pois, a ideia de uma identidade nacional, construída a partir de uma adesão de similaridades entre aqueles que vivem em um mesmo território – seja pela língua, cultura, características físicas ou outros símbolos – podem ser negadas ou rejeitadas, caso determinadas pessoas não se enquadrem em espectros específicos de ideais de identidade construídos por aqueles que se consideram nacionais.

Logo, as diferentes motivações para atos xenófobos, que perpassam sempre pela estranheza e rejeição a cultura e características daqueles considerados “não nacionais”, podem ser pautadas em violências destinadas a estrangeiros e também a seus descendentes, que nasceram e possuem a nacionalidade brasileira, mas que por suas características físicas ou outros símbolos, são tomados como pertencentes a um outro grupo, não nacional.

#### 4.1. Análises de títulos de notícias

A seguir, estão algumas das notícias que foram coletadas durante o processo de pesquisa, a partir delas serão analisados discursos com teor xenofóbico contra asiáticos amarelos no Brasil, observando que tipos de violências são demonstrados nesses discursos e quais elementos linguísticos, históricos e discursivos estão presentes nesses enunciados. Na tabela foram separadas sete matérias que tratam direta ou indiretamente do tema xenofobia contra “asiáticos” a partir de um recorte específico, o da pandemia da Covid-19 e os ataques à população chinesa.

DATA	FONTE	TÍTULO DE NOTÍCIAS
07/07/2020	Portal comunicare	<b>Coronavírus intensifica Xenofobia e Racismo contra chineses<sup>9</sup></b>

<sup>9</sup> MENUCCI, Allanis B.. Coronavírus intensifica xenofobia e racismo contra chineses. **Comunicare**, 2020. Disponível em: <https://www.portalcomunicare.com.br/coronavirus-intensifica-xenofobia-e-racismo-contra-chineses/>.

25/10/2020	Brasil de fato	<b>Bolsonaro pratica xenofobia ideológica com o veto à Sinovac<sup>10</sup></b>
15/11/2020	Carta Campinas	<b>Governo Bolsonaro promove xenofobia ideológica em cima da vacina chinesa<sup>11</sup></b>
22/12/2020	G1	<b>Pastor que disse que coronavac tem hiv dentro dela é intimado a depor pelo MPCE<sup>12</sup></b>
03/03/2021	BHAZ	<b>Professor é espancado e chamado de “vírus chinês” em ataque racista<sup>13</sup></b>
11/05/2021	O tempo	<b>Datena afirma que China é culpada por deixar “escapar” o coronavírus<sup>14</sup></b>
14/05/2021	Correio do povo	<b>Governo coleciona ataques à China, e Brasil fica sem vacinas<sup>15</sup></b>

**Figura 3** – Tabela com títulos de notícias

**Fonte:** Arquivo pessoal

Dentre as sete matérias compiladas, duas delas utilizam o termo “governo” como proponente de violências contra a população chinesa, como demonstram os títulos “Governo Bolsonaro promove xenofobia ideológica em cima da vacina chinesa” e “Governo coleciona ataques à China, e Brasil fica sem vacinas”, que, neste caso, evidenciam e localizam instituições como causadoras de um tipo de violência, a xenofóbica. Além da primeira matéria, uma outra com o título

<sup>10</sup> PADILHA, Alexandre. Bolsonaro pratica xenofobia ideológica com o veto à Sinovac. Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/25/bolsonaro-pratica-xenofobia-ideologica-com-o-veto-a-sinovac>.

<sup>11</sup> PADILHA, Alexandre. Governo Bolsonaro promove xenofobia ideológica em cima da vacina chinesa. Carta Campinas, 2020. Disponível em: <https://cartacampinas.com.br/2020/11/governo-bolsonaro-promove-xenofobia-ideologica-em-cima-da-vacina-chinesa/>.

<sup>12</sup> PASTOR que disse que CoronaVac 'tem HIV dentro dela' é intimado a depor pelo MPCE. **OGlobo**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/12/22/pastor-que-disse-que-coronavac-tem-hiv-dentro-dela-e-intimado-a-depor-pelo-mpce.ghtml>.

<sup>13</sup> MIRANDA, Andreza. Professor é espancado e chamado de ‘vírus chinês’ em ataque racista. **BHAZ**, 2021. Disponível em: <https://bhaz.com.br/2021/03/03/professor-espancado-chamado-virus-chines-ataque-racista/#gref>.

<sup>14</sup> DATENA afirma que China é culpada por deixar 'escapar' o coronavírus. **OTempo**, 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/datena-afirma-que-china-e-culpada-por-deixar-escapar-o-coronavirus-1.2483969>.

<sup>15</sup> GOVERNO coleciona ataques à China, e Brasil fica sem vacinas. **Correio do Povo**, 2021. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/governo-coleciona-ataques-%C3%A0-china-e-brasil-fica-sem-vacinas-1.619655>.

"Bolsonaro pratica xenofobia ideológica com o veto à Sinovac" também aponta para o então presidente do Brasil como aquele que pratica ou promove xenofobia. O tema da xenofobia vem relacionado a, no mínimo, três recusas do então presidente: primeiro, a recusa do vírus e da pandemia como causa de uma ameaça global à humanidade; segundo, a recusa (ou o negacionismo) da ciência e da vacina como dispositivos de controle do vírus e redução das mortes; terceiro, a recusa de tudo o que fosse proveniente da China (da parceria político-diplomática à ajuda humanitária).

Entre as outras matérias selecionadas também estão discursos que culpabilizam um determinado grupo territorial pela disseminação do vírus como descreve o título "Datena afirma que China é culpada por deixar "escapar" o coronavírus", além de discussões sobre o crescimento de violências contra chineses em "Coronavírus intensifica Xenofobia e Racismo contra chineses", ou ainda, a propagação de *fake news* sobre as vacinas na tentativa de disseminar pânico e rejeição como em "Pastor que disse que coronavac tem hiv dentro dela é intimado a depor pelo MPCE".

Em uma das matérias, escrita por Andreza Miranda, com o título "Professor é espancado e chamado de 'vírus chinês' em ataque racista", a jornalista descreve a violência sofrida por um professor universitário chinês em 23 de fevereiro de 2021, no Reino Unido, em que um grupo de quatro homens espancaram a vítima enquanto faziam associações ao coronavírus como descreve a notícia: "um dos agressores chegou a gritar vírus chinês, saia!, enquanto espancava o professor".

No Brasil, a notícia escrita por Allanis Menuci e Guilherme Araki descreve ataques xenófobos, discriminações e rejeições ocorridas no país durante a pandemia, a exemplo do caso em que "uma adolescente asiática – ao tossir – foi verbalmente agredida por um homem que passava na rua. O sujeito chamou a atenção da menina, referindo-se à imigração chinesa no Brasil, alegando que os culpados pela pandemia eram os chineses"<sup>16</sup>.

Os discursos, que historicamente criam uma visão estereotipada de "asiáticos" não são analisados aqui somente como casos isolados ou de sujeitos específicos, mas sim como um problema sócio-histórico e discursivo no nível macro, que tem em seu enunciado um sujeito discursivo. O sujeito discursivo na produção de discurso é polifônico representado por uma heterogeneidade (Foucault, 1996; Orlandi, 2020; Fernandes, Sá, 2021), constituído pelas interações sociais e que se manifesta pela linguagem, o que o difere de um sujeito individual, que coloca em evidência o sujeito discursivo. Isso por exemplo auxilia na compreensão dos complexos sentidos que um discurso pode conter, pois a formação discursiva por muitas vezes pode apresentar contradições, mas ao invés de deteriorá-la ou colocar em descredibilidade, ao contrário, acabam evidenciando uma dinamicidade da constituição de sentidos, compostos por uma heterogeneidade de formações e memórias discursivas (Fernandes, Sá, 2021).

---

<sup>16</sup> MENUCCI, Allanis B. Coronavírus intensifica xenofobia e racismo contra chineses. Comunicare, 2020. Disponível em: <https://www.portalcomunicare.com.br/coronavirus-intensifica-xenofobia-e-racismo-contra-chineses/>.

A circulação de enunciados em jornais *on-line* sobre a crise sanitária da Covid-19 engloba diferentes elementos discursivos que de um lado formulam ataques que culpabilizaram asiáticos, de modo generalizante, ao utilizar termos como “virus chinos” e hostilizarem diferentes sujeitos, e de outro, que caracterizaram esses usos como “xenofobia” e “racismo”. De modo que pode haver mais de um dizer sobre um sujeito, influenciado pela rede de sentidos que o cercam, e no contexto pandêmico o senso de ameaça em torno dos chineses estendido a demais asiáticos amarelos nos apresenta uma formação de hostilidade.

Os sujeitos asiáticos amarelos são atravessados por relações de poder e formas de dominação e domesticação de seus corpos, determinados por processos de identificação que os colocam socialmente enquanto unidade homogênea. A sinofobia articulada no discurso afeta demais sujeitos, corpos e instrumentos que são relacionados ao simbólico da China. Por esse motivo que temos nas notícias analisadas a instrumentalização da sinofobia na argumentação contra as vacinas de origem chinesa, ao mesmo passo que ocorre violência contra sujeitos de origem leste-asiática.

### **Considerações finais**

Retornando, de modo compendioso, aos postulados iniciais deste trabalho, foi possível refletir sobre como o problema da xenofobia no Brasil tem propiciado, cada vez mais, violências contra o sujeito estrangeiro - ou aquele que é visto como estrangeiro - de modo mais evidente. Esse aparente descortinamento sobre problemas que não são recentes na história do país possibilita a retomada de discussões sobre a seletividade do brasileiro em sua hospitalidade ou hostilidade, dirigida a uns e a outros sujeitos, a partir de características sociais, que não surgiram agora, mas que fazem parte de uma estrutura socialmente intrincada e que ganha corpo nos discursos.

Abordamos a noção de xenofobia como um conceito que nomeia essa aversão ao sujeito estrangeiro, seja por seu lugar de origem, condição econômica, traços linguísticos, entre outros, mas que se ligam a três outras noções essenciais nessa discussão, sendo elas: a alteridade, que exacerba as diferenças entre os sujeitos, ligada essencialmente aos aspectos de superioridade e inferioridade, já que o sujeito que se vê como nacional ou original acredita que as suas características ou as de seu grupo são positivadas e melhores que as do outro, vendo o estrangeiro como inferior ao nacional.

Entre as discussões empreendidas nesta pesquisa é possível observar também que a ideia de estrangeiridade não se liga especificamente a sujeitos que estão em territórios ou grupos distintos, mas pode constituir violências, a partir da xenofobia, de sujeitos pertencentes a um mesmo grupo, mas que são lidos socialmente de maneira distinta. A exemplo, dos nordestinos, vistos como estrangeiros em seu próprio país, por vezes considerados como o “outro”, diferenciados de grupos como Sul ou Sudeste e inferiorizados por suas características. Há ainda, aqueles que são descendentes de estrangeiros ou que são lidos como tal a partir de características físicas, vestuário e afins e sofrem com violências xenofóbicas mesmo que partilhem, documentalmente, as diretrizes de um mesmo grupo.

Essas reflexões são um preâmbulo importante para a base de nossa pesquisa, que empreendeu discussões sobre as violências sofridas por aqueles que se compreendem ou são compreendidos como pertencentes ao grupo de asiáticos amarelos ou que são lidos como tal, durante a pandemia da Covid-19. Ademais, observamos como o sintagma “vírus chinês” surgiu e se espalhou rapidamente entre diferentes espaços de circulação de discursos, culpabilizando um grupo de pessoas pela pandemia, e além de discursivamente caracterizar uma nação como culpada de um problema sanitário as violências foram estendidas a outros diferentes sujeitos, por serem lidos socialmente como pertencentes a esse grupo.

Por fim, a partir das materialidades compiladas durante o processo de pesquisa foi possível observar que as violências contra os asiáticos amarelos, sobretudo chineses, se estabeleceram em diferentes lugares de poder, como os institucionais, a partir do lugar de presidente, do espaço governamental, ou, ainda, em mídias jornalísticas e redes sociais, como o *Telegram*. Foi, ainda, possível perceber o uso de conceitos como “xenofobia” e “racismo”, para referenciar as violências contra os estrangeiros. E as *Fake News* propagadas sobre os sujeitos e demais tópicos que atravessavam as questões referentes à China, como as vacinas, que vindas ou não desse país, acabaram por ser categorizadas como algo negativo dado, mas não somente, pela sinofobia.

---

## Referências

---

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*. São Paulo: Cortez, 2016.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. Migração de Crise: a migração haitiana para o Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 119–143, 2017. Disponível em: <https://rebep.org.br/revista/article/view/887>. Acesso em: 11 set. 2023.

BASLEZ, Marie-Françoise. *L'étranger dans la Grèce Antique*. 2e tirage. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASTRO, Edgard. *Introducción a Foucault*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.

CEJA, Iréri; VELASCO, Soledad Álvarez; BERG, Ulla. (Coord.) *Migración*. Ciudad de Mexico: CLACSO, 2021.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

- DEZEM, Rogério. *Matizes do "Amarelo": a gênese dos discursos sobre orientais no Brasil (1878-19909)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- DI CESARE, Donatella. *Estrangeiros residentes: uma filosofia da migração*. Tradução César Tridapalli. Belo Horizonte: yiné, 2020.
- DOSSE, François. *História do Estruturalismo*, v. 2. Tradução Álvaro Cabral. Bauru: EDUSC, 2007.
- ECO, Umberto. *Migração e intolerância*. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- FERNANDES, Cleudemar Alves; SÁ, Israel de. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- FOUCAULT, Michel. Sujeito e o Poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-249.
- FOUCAULT, Michel. *A origem do discurso. Aula inaugural no College de France*. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.
- FOUCAULT, Michel. Le problème des réfugiés est un présage de la grande migration du XXI siècle. In: DEFERT, D.; EWALD, F. (ed.). *Dits et écrits II (1954-1988)*. Paris: PUF; Éditions Gallimard, 2001a [1979].
- FOUCAULT, Michel. Des espaces autres. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II, 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001b [1984]. p. 1571-1581.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. ed. 7. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980: excertos / Michel Foucault; organização de Nildo Avelino*. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- HIGA, Laís Miwa. O que é asiático brasileiro?. *São Paulo: Jornal da USP*, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=463098>. Acesso em: 11 set. 2023.
- Ji, Fengyuan. The West and China: discourses, agendas and change. *Critical Discourse Studies*, v. 14, n. 4, p. 325–340, 2017. Disponível em: <https://researchportalplus.anu.edu.au/en/publications/the-west-and-china-discourses-agendas-and-change>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ORLANDI, Eni. *A Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. ed. 13. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Manual de pesquisa em Estudos Linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

RIBEIRO, Jocenilson; MORENO, Julián David González; GARCIA, Faustina Álvarez. Xenofobia y Discurso de odio contra extranjeros en contexto de la triple frontera (Argentina-Brasil-Paraguay). *Revista Linguagem*, v. 31, n. 1, p. 196–213, 2019.

Disponível em:

<https://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/509>. Acesso em: 11 set. 2023.

RIBEIRO, Jocenilson; PEREIRA, Thiago Augusto Carlos. Discurso anti-Imigrante e emergência de ‘nova direita’ na crise do contemporâneo político. *Revista Heterotópica*, v. 1, n. 2, dez. 2019, p. 33–57. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/49911>. Acesso em: 31 ago. 2023.

RIBEIRO, Jocenilson. *Xenofobia e Intolerância linguística: discursos sobre estrangeiridade e hostilidade brasileira*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SACRAMENTO, Igor; MONARI, Ana Carolina Pontalti; CHEN, Xuewu. O vírus do morcego: fake news e estereotipagem dos hábitos alimentares chineses no contexto da Covid-19. *Revista Comunicação & Inovação*, v. 21 n. 47, p.82-92. Disponível em:

[https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/7285](https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/7285). Acesso em: fev. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870- 1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TAKEUCHI, Marcia. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. São Paulo: Humanitas, 2008.

---

## Para citar este artigo

---

MATSUO, Esther Yuri; BATISTA, João Paulo Santos; RIBEIRO, Jocenilson. A propagação de discursos hostis contra asiáticos amarelos na pandemia de covid-19: uma análise de discursos xenofóbicos em jornais on-line. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 13, n. 2, p. 393-414, maio-ago. 2024.

---

## Autoria

---

**Esther Yuri Matsuo** é bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe. Atuou como bolsista CNPq no âmbito da Iniciação Científica (2022-2023, 2023-2024) no projeto intitulado “Da xenofobia à glotofobia na mídia: discursos da hostilidade e hospitalidade sobre o sujeito estrangeiro” vinculado ao Laboratório de Estudos de Discurso, História e Estrangeiridades (imaGine/CNPq/UFS), sob orientação do Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro. Atualmente é

membro pesquisadora do grupo de pesquisa interinstitucional DiASPORA - Discursos de/sobre Acolhimento: Saber-Poder, Refúgio e Alteridade (UFSM/UFS/PUC-Campinas, UFFS/CNPq). Atua também como membro pesquisadora do Centro Internacional de Estudos Árabes Islâmicos (CEAI/UFS), e é membro temporária do Centro Internacional Multidisciplinares de Estudos Épicas (CIMEEP/UFS). Possui interesses de pesquisa relacionados aos Estudos asiáticos, Análise de Discurso, Estudos da Xenofobia e Direitos Humanos, já tendo desenvolvido trabalhos com ênfase no feminismo asiático, promoção da dignidade humana, literatura épica ainu, diáspora japonesa e sinofobia. Email: [estheryurim@gmail.com](mailto:estheryurim@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3950-2713>.

**João Paulo Santos Batista** é mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista Capes (2023/2024). Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (2023). É pesquisador no Laboratório de Estudos do Discurso, História e Estrangeiridades (imaGine/CNPq/UFS) e membro do grupo de pesquisa interinstitucional DiASPORA - Discursos de/sobre Acolhimento: Saber-Poder, Refúgio e Alteridade (UFSM/UFS/PUC-Campinas, UFFS/CNPq). Tem experiência na área de linguística, com ênfase em Análise do Discurso de Linha Francesa. Além de interesses de pesquisas e trabalhos publicados ligados às temáticas do estrangeiro, da hospitalidade, do racismo e da xenofobia. E-mail: [jotapsant1@gmail.com](mailto:jotapsant1@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8958-6436>.

**Jocnilson Ribeiro** é doutor e mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, com estágio doutoral na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana. É docente no Departamento de Letras Vernáculas e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Líder do imaGine – Laboratório de Estudos de Discurso, História e Estrangeiridades (UFS/CNPq). Integra o grupo de pesquisa interinstitucional DiASPORA - Discursos de/sobre Acolhimento: Saber-Poder, Refúgio e Alteridade (UFSM/UFS/PUC-Campinas, UFFS/CNPq). Tem pesquisas e publicações em temas como sujeito estrangeiro, estrangeiridades, migrações, discurso da hostilidade e da hospitalidade, xenofobia e glotofobia, glotopolítica, intolerância linguística ao estrangeiro e Português para falante de outras línguas. É autor do livro *Xenofobia e intolerância linguística - discursos sobre estrangeiridade e hostilidade brasileira* (Pontes, 2022). E-mail: [jonuefs@gmail.com](mailto:jonuefs@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8716-5059>.